

Jogos e interesses de poder nos reinos do Congo e de Angola nos séculos XVI a XVIII

Chantal Luís da Silva

Paris IV-Sorbonne- Bolseira da FCT

Introdução

A descoberta do Reino do Congo pelos Portugueses, em 1483, marcou os espíritos. Navegadores, comerciantes e missionários tentaram identificar e descrever aquele reino africano. Eis a razão por que beneficiamos de uma rica documentação escrita.

No século XV, o Reino do Congo não era o Congo que conhecemos hoje, pois a sua superfície era bem maior do que a do território actual. No momento da sua descoberta, o reino do Congo cobria o Norte do território actual de Angola, uma parte da República Democrática do Congo e outra do Congo actual. Este território englobava os Reinos do Congo e de Angola¹.

Os primeiros contactos entre os Portugueses e os Africanos efectuaram-se sem violência². As relações entre os Portugueses e as elites locais deram origem a uma aliança económica, diplomática e religiosa entre o Reino do Congo e o Reino de Portugal.

Mas sendo os interesses diferentes, cedo surgiram os jogos de poder. Cumpre-nos, agora, apresentar os jogos e interesses pelos poderes nos reinos do Congo e de Angola nos séculos XVI a XVIII. Desta forma, destacaremos as razões que levaram os Portugueses e os Africanos a colaborarem, debruçando-nos sobre os interesses de cada um, para em seguida, salientarmos os diferentes pontos de ruptura entre Portugal e os Reinos do Congo e de Angola.

I Uma aliança compartilhada.

Uma aliança entre os Portugueses e os chefes africanos destas costas Atlânticas parecia necessária para os Portugueses que queriam navegar até à Índia. Apresentaremos, também, os hipotéticos interesses dos chefes africanos.

Padroado³

Nos meados do século XV, Portugal beneficiou de grandes privilégios concedidos por Roma num período em que, na Europa, havia uma forte expansão do Protestantismo.

¹ Angola dependeu do Reino do Congo até 1575.

² Jean CUVELIER, *L'Ancien Royaume du Congo. Fondation, découverte, 1^{ère} évangélisation de l'ancien Royaume du Congo, règne du grand roi Affonso Mvemba Jinga (1541)*, Bruges, Paris, 1946, p. 38.

³ A Bula *Romanus Pontifex* do papa Nicolau V, datada de 8 de Janeiro de 1455, concedia ao rei de Portugal o direito de enviar missionários e de fundar igrejas, mosteiros e outros lugares pios, nos novos territórios ultramarinos. No dia 13 de Março de 1456, Calisto III, na Bula *inter Caetera*, desenvolveu certas concessões e atribuiu o poder de jurisdição sobre o espiritual, em todos os países descobertos e para descobrir, ao grão-mestre da Ordem de Cristo, D. Henrique.

A Santa Igreja Católica vivia um momento de crise. Enfraquecida, não queria perder os seus melhores aliados. Por isso, a Santa Sé concedeu aos reis de Portugal o direito do Padroado, o qual outorgou muitos poderes a Portugal que começou a beneficiar do monopólio do comércio nos novos territórios ultramarinos.

Os reis de Portugal tinham o direito de criar Igrejas, mosteiros, enviar missionários, e conferir benefícios eclesiásticos.

Este direito continha, contudo, obrigações: a conservação e reparação das igrejas, conventos, dioceses, a obrigação de prover às necessidades dos eclesiásticos e seculares inscritos no serviço religioso.

Numerosas dioceses foram criadas nos séculos XV e XVI ⁴. Estas permitiam aos Portugueses exercer um controlo no domínio espiritual. O controlo do domínio espiritual podia permitir, mais tarde, o domínio sobre o poder temporal.

Note-se que os bispos eram nomeados pela Santa Sé depois de terem sido propostos pelo rei de Portugal. O rei podia assim nomear um dos seus aliados para dirigir um bispado – o que lhe permitia exercer uma maior autoridade e uma maior influência nos territórios que estavam sob a jurisdição do bispo por ele escolhido.

O Reino do Congo mostrou-se, muito rapidamente, favorável ao Cristianismo. Os chefes congolesees aceitaram adoptar a religião cristã, porque viam nela vantagens políticas.

Datamos a primeira conversão do reino do Congo em 1491. A conversão do chefe e do soberano provocou a dos seus sujeitos ⁵.

Vemos, desta forma, que as elites congolesees exerciam uma forte dominação sobre os vassallos locais. Após a conversão dos chefes e do rei do Congo, o envio de missionários intensificou-se. Assim, com D. Afonso I do Congo (1506-1543), o Reino do Congo passou a ser um reino cristão.

Em 1596, foi fundado o Bispado do Congo e de Angola ⁶, num momento em que Luanda já era ocupada pelos Portugueses (1575) ⁷ e em que Portugal estava sob a dominação da coroa espanhola e isto desde 1580. A fundação deste Bispado tinha sido desejada tanto pelo rei do Congo como pelos Portugueses.

Note-se que, neste período de dominação espanhola, o Padroado português tinha ficado bem distinto do da Espanha. Portugal continuava a ter o direito de nomear os bispos das dioceses no território ultramarino. A criação deste Bispado favoreceu, consideravelmente, o estabelecimento da presença portuguesa nestas costas africanas ⁸.

Fundar um Bispado nos reinos do Congo e de Angola era interessante e vantajoso para os Portugueses, porque podiam exercer um poder espiritual, poder este que podia levar a dominar ou dirigir o poder temporal, que era exercido pelo rei do Congo.

A par de tais interesses por parte dos Portugueses, quais podiam ser as verdadeiras motivações do rei do Congo? O que terá levado o rei do Congo a aceitar a presença portuguesa?

⁴ João Paulo Oliveira e COSTA, «A diáspora missionária», in *História religiosa portuguesa*, vol. II, *Humanismos e reformas*, Lisboa, 2000-2002, pp. 55-313.

⁵ Luiz Felipe de ALENCASTRO, *Trato dos Viventes, formação do Brasil no Atlântico Sul, Séculos XVI e XVII*, São Paulo, 2000, p. 71.

⁶ Bispado fundado no dia 20 de Maio de 1596 com a bula *super specula militantis Ecclesiae*.

⁷ Luanda foi ocupada pelos Portugueses em 1575. A partir de 1589, Angola foi dirigida por um governador.

⁸ Portugal não tinha nenhum direito de conquista sobre o Reino do Congo: este continuava a ser oficialmente independente. Portugal exercia apenas uma espécie de protectorado; o que já era substancial, porque se atribuirmos às palavras um significado mais amplo (leitura de um duplo sentido), poderíamos dizer que o Reino do Congo pertencia ao Reino de Portugal, sem que houvesse conquista nem ocupação.

O Reino do Congo: espaço difícil de controlar

Para podermos compreender os interesses do rei do Congo, é necessário que compreendamos, primeiro, como se fazia a transmissão do poder na tradição congoleza. A monarquia conga era electiva. O rei era eleito pelos grandes chefes. Contudo, a eleição estava, em geral, associada ao sistema de parentesco matrilinear, e, por isso, o ceptro real só podia recair entre parentes uterinos do defunto, isto é irmãos ou sobrinhos. Havia, assim, muitos candidatos à conquista da autoridade real.

Mas a legitimidade do rei não era sempre reconhecida por todos os membros do seu reino. As rivalidades entre os diferentes candidatos fomentavam partidos, prontos a revoltarem-se contra o rei.

Quando os Portugueses chegaram, nos finais do século XV, três *Sobas* estavam em guerra⁹. A instabilidade política era frequente no Reino do Congo. Neste clima de instabilidade, o rei do Congo veio a precisar do apoio militar dos Portugueses¹⁰, em 1491. Podemos pensar que esta necessidade o levou a converter-se ao Cristianismo – só assim podia assegurar-se do apoio dos Portugueses.

O candidato que se convertia ao Cristianismo obtinha o apoio dos Portugueses cujas armas eram mais eficazes que as dos seus adversários. Esta aliança permitia ao Reino do Congo aproximar-se da Europa e das outras potências europeias.

Os grandes do Reino do Congo acabaram por não serem os únicos a eleger o seu rei. Os Portugueses estabelecidos no Reino do Congo, e, nomeadamente, os missionários, tinham o seu candidato: aquele que se mostrava favorável ao Cristianismo. O apoio dos Portugueses e da Igreja reforçava a sua legitimidade em relação aos outros candidatos¹¹. O Cristianismo passou a ser um instrumento de consolidação do poder.

O rei do Congo esperava obter os mesmos privilégios que o rei de Portugal. Uma vez cristão, os reis do Congo exprimiram muito cedo o desejo de criar um novo Bispado no seu reino¹².

A fundação deste Bispado não se fez no momento em que a evangelização do reino do Congo estava no seu apogeu, ou seja, durante o reinado de D. Afonso I, que tinha, aliás, um filho consagrado Bispo de Utica¹³.

Fundar um Bispado no Reino do Congo, naquele momento da história, teria significado, com estes dois representantes reais no poder, um no temporal e o outro no espiritual, o estabelecimento de uma verdadeira cristandade nacional. Portugal não o desejava.

Os Portugueses criaram o Bispado do Reino do Congo e de Angola na capital do reino do Congo, São Salvador, e não em Luanda, porque tinham um objectivo bem preciso: esperavam exercer um controlo no domínio espiritual para melhor controlar o rei do Congo e poder continuar a desenvolver o comércio dos escravos¹⁴.

Para acabar com as lutas de facções, o rei do Congo precisava de reforçar o seu poder político, por isso favoreceu as relações diplomáticas com o mundo Europeu. Fundar um Bispado

⁹ Seis províncias compunham o reino do Congo: Mpemba, Mbata, Mbamba, Sonyo, Nsundi e Mpangu. Os *Sobas* das províncias de Mbata, Mbamba, Nsundi tinham-se lançado numa política de conquistas.

¹⁰ Filippo PIGAFETTA e Duarte LOPES, *Le royaume de Congo et les contrées environnantes (1591)*, traduit de l'italien, annotée et présentée par Willy Bal, édition critique révisée et complétée, Chandeigne / Éditions UNESCO, Paris, 2002. Título original: *Relazione del Reame di Congo e delle Circonvince Contrade Tratta dalli Scritti e ragionamenti di Odoardo Lopez Portoghese*, Roma, 1591.

¹¹ António BRÁSIO, «O problema da eleição e coroação dos reis do Congo», in *Revista Portuguesa de História*, t. XII, vol. I, pp. 351-81.

¹² Principalmente o Rei D. Afonso I (1506-1543)

¹³ Título honorífico dado que ele não podia exercer as suas funções de bispo.

¹⁴ António BRÁSIO, «Cartas do rei do Congo, 1526», in *Monumenta Missionaria Africana*, 1º série, vol. I, Lisboa, 1953, pp. 468-484 e 470-471.

na capital do seu reino, devia aproximá-lo de Roma. Ele esperava receber do Papa os mesmos privilégios que detinha o rei de Portugal, num momento em que Roma queria afirmar-se.

O rei do Congo esperava, secretamente, obter do Papa o poder espiritual. O que não é surpreendente. No reino do Congo, o rei detinha poderes mágicos e religiosos¹⁵.

Visto que os interesses eram diferentes, as relações entre os Portugueses e os Congolezes deterioraram-se.

II. Uma aliança fragilizada por jogos de interesses

Note-se que, se o Cristianismo permitiu ao rei do Congo reforçar o seu poder junto dos Congolezes, também o tornou mais frágil junto dos portugueses que começaram muito cedo a querer impor a sua autoridade.

Luanda passou a ser ocupada pelos Portugueses, em 1575.

Em 1622/1623, e mais tarde, em 1635, governadores de Angola tentaram submeter ao controlo português vários chefes congolezes que dependiam, até então, do Reino do Congo. Estas tentativas geraram grandes hostilidades entre Portugal e o Reino do Congo e fragilizaram, consideravelmente, a aliança tradicional que existia entre os Portugueses e os Congolezes.

Lutas de poderes entre o temporal e o espiritual

Com a criação de um Bispado na capital do seu reino, o rei do Congo pensava aproximar-se de Roma, e esperava, também, libertar-se do jugo português que se desenvolveu, consideravelmente, a partir da segunda metade do século XVI.

Este Bispado podia permitir a formação de um clero autóctone, mais próximo do povo e da autoridade do rei. A Igreja passaria, desta forma, a trabalhar para a coroa congoleza e não para a coroa portuguesa.

Note-se que, após a criação da diocese, Portugal intrometeu-se mais ainda nos assuntos políticos próprios do Reino do Congo, servindo-se dos bispos nomeados pelo rei de Portugal, e esta realidade não agradava aos reis do Congo¹⁶.

Este descontentamento verificou-se muito cedo, a partir do reinado de D. Alvaro II (1587-1614), o qual tinha enviado, em 1604, António Manuel de Vunda (embaixador) a Roma¹⁷: este levava uma mensagem para o Papa – o seu rei solicitava colocar-se sob a obediência directa da Santa Sé e pedia a nomeação de um bispo que não fosse Português, porque sendo, estaria muito de acordo com os governadores de Angola.

Estes pedidos não foram ouvidos de imediato, dado que o bispo da diocese do Congo e de Angola continuava a ser português.

Assim nasceu uma luta de poder entre o bispo e o rei do Congo: um dominava o poder espiritual e o outro o poder temporal.

As divergências entre o rei do Congo e o bispo levaram este último a instalar-se, definitivamente, em Luanda, perto dos colonos e do Governador de Angola. Longe das exigências dos soberanos congolezes, o bispo encontrava-se, agora, sob a protecção das armas portuguesas. Verificou-se, assim, uma deslocação da sede da diocese para Luanda.

¹⁵ Luc de HEUSCH, *Le roi de Kongo et les monstres sacrés, Mythes et rites bantous III*, Mesnil-sur-l'Estrée, 2000.

¹⁶ Observamos nas nossas fontes que o rei congolês se queixava, frequentemente, ao rei de Portugal, dos maus comportamentos dos colonos portugueses e de certos religiosos que se mostravam bem mais interessados pelo lucro, pelo comércio dos escravos, do que pela divulgação do Evangelho. Luiz Felipe de ALENCASTRO, *O Trato dos Videntes...* cit., pp.158-159.

¹⁷ António BRÁSIO, «Apontamentos do embaixador do rei do Congo, (31/3/1607)», in *Monumenta Missionaria Africana*, 1ª série, vol. V, Lisboa, 1953-88, pp. 208-293.

Em 1624, após a partida do Bispo para Luanda, o rei do Congo propôs ao Papa a fundação de uma nova diocese no Congo¹⁸, e a própria nomeação de um bispo para afastar a influência dos Portugueses do seu reino. Estes pedidos não se concretizaram.

Propaganda Fide

Dentro do Reino do Congo existia rivalidades entre os diferentes religiosos. Estas hostilidades foram acentuadas pelo facto de, a partir de 1580 e até 1640, Portugal estar sob a dominação Espanhola. Portugal queria conservar o monopólio do Padroado; por isso enviava, unicamente, missionários portugueses¹⁹.

Portugal enviava colonos e missionários para a Índia, para o Extremo Oriente, para o Brasil e para a África. A África não era prioritária. Sabemos, graças a numerosos documentos escritos pelos soberanos congolezes entre os séculos XVI e XVIII, que havia uma grande falta de missionários no Reino do Congo. Eis a razão por que os reis reclamavam, incessantemente, novos missionários a Lisboa e a Roma, o que pôs em causa o Padroado português.

A independência de Portugal só foi reconhecida pela Espanha e por Roma em 1668, depois da assinatura do tratado de paz entre Lisboa e Madrid. De 1642 a 1671²⁰, a diocese do Congo e de Angola não teve bispo, porque Roma não confirmava os bispos designados por Portugal.

Em 1622, Roma criou a Congregação da *Propaganda Fide*. Esta instituição confiou a missão do Congo, em 1640, aos Capuchinhos; o que travou consideravelmente as ambições dos ministros portugueses.

Os Capuchinhos²¹ chegaram ao Reino do Congo, em 1645, durante a ocupação holandesa.

Em Agosto de 1641, Luanda foi ocupada pelos holandeses²². Eles ficaram até 1648. Esta conquista holandesa interrompeu o envio de missionários portugueses.

Os Capuchinhos percorreram o interior das terras e permitiram a formação de um clero autóctone. Eles mostraram-se muito mais atentos que os Jesuitas às necessidades do rei do Congo. Estes, continuavam a servir a coroa portuguesa (Padroado), permanecendo, essencialmente, em Luanda, perto dos colonos: continuavam a praticar o tráfico dos escravos²³.

Os Jesuitas e os governadores de Angola conheceram relações conflictuosas²⁴. Encontraram as mesmas dificuldades que os bispos do Congo e de Angola e os reis do Congo: lutas de poderes entre o espiritual e o temporal.

¹⁸ António BRÁSIO, «Carta do Colector Albergati à Propaganda Fide (26/7/1624)», in *Monumenta Missionaria Africana*, 1º série, vol. VII, Lisboa, 1953-88, pp. 244-247

¹⁹ Os Carmelitas e os Capuchinhos eram essencialmente espanhóis, o que explica a oposição portuguesa. Os Jesuitas e os Dominicanos eram, quanto a eles, na maioria, portugueses: foi, de resto, por esta razão, que tiveram geralmente, o favor dos ministros portugueses.

²⁰ Roma encontrava-se ameaçada por Grimaldi e tinha-se aliado aos espanhóis que lhe asseguravam uma relativa protecção. Foi apenas em 1668 que estas duas potências reconheceram a independência de Portugal. A sede da diocese foi então transferida para Luanda em 1671, os bispos passando a designar-se oficialmente “bispos de Angola e do Congo” (deixaram, pois, de ser designados por “bispos do Congo e de Angola”). O Capítulo de São Salvador era geralmente presidido por um Vigário Geral, assistido por alguns cônegos.

²¹ Os Capuchinhos tinham sido pedidos pelo rei do Congo, desde o início do século XVII. Eles eram, na sua maioria, italianos ou espanhóis.

²² Klaas RATELBAND, *Os Holandeses no Brasil e na Costa Africana, Angola, Kongo e S. Tomé (1600-1650)*, Lisboa, 2003. A ameaça Holandesa começou a partir de 1610; a sua ocupação efectuou-se 8 meses após a independência de Portugal.

²³ Luiz Felipe de ALENCASTRO *O Trato dos Viventes...* cit., p. 163.

²⁴ ARCHIVIO DELLA S. CONGREGAZIONE DE PROPAGANDA FIDE: SOCG (Scritti Originali riferite nelle Congregazioni Generali), Lettere. Africa e Congo, vol.250, f.296.

Nas suas relações, os Capuchinhos procuraram valorizar o seu trabalho, comparando-o com o que tinha sido feito pelos Jesuítas²⁵. A obra de Cavazzi²⁶ é disso muito bom exemplo. A sua obra reflecte as rivalidades que existiram entre os Capuchinhos e os Jesuítas²⁷.

Naquele período, Roma já não precisava do apoio dos Portugueses: queria ser a única a ter a missão de evangelizar os territórios ultramarinos.

O Reino do Congo conheceu um período de crise de sucessão nos finais do século XVII, que desembocou numa instabilidade política e num enfraquecimento do poder real.

Enfraquecimento do Reino do Congo

A partir de 1596, São Salvador foi a capital política e religiosa do Reino do Congo.

O rei do Congo tinha conseguido reunir o poder temporal e espiritual na capital do seu reino. Graças ao apoio da Igreja o seu poder era legitimado. Nada parecia ameaçar este equilíbrio. No entanto, as coisas mudaram. As rivalidades entre o rei do Congo e o Governador de Angola, progressivamente, enfraqueceram o poder do rei do Congo.

Depois de ter conhecido estas dificuldades com os Portugueses, o rei do Congo encontrou-se, novamente, frente à realidade que existia antes da chegada dos Europeus, isto é, hostilidade dos seus rivais.

A decadência do reino foi notável a partir de 1624, com a instalação do Bispo em Luanda. Foi ainda mais significativa depois da derrota da rainha Jinga²⁸, em 1656; e foi decisiva com a batalha de Ambuíla em 1665²⁹, na qual o rei do Congo, D. Antonio I, morreu combatendo³⁰. Esta derrota abriu caminho para a consolidação da presença portuguesa na região angolana. O reino do Congo estava longe das suas esperanças iniciais.

Durante estes momentos de agitação, na cidade de São Salvador cruzaram-se várias correntes de ideias: uns queriam continuar a guerra para vingar o rei, outros preferiam assinar a paz com os Portugueses.

Apareceram, assim, dois grupos que proclamaram “reis” os seus favoritos respectivos: no Lemba e no Kibangu. Com São Salvador³¹, o reino contou, depois desta divisão, três capitais.

Os missionários Capuchinhos estabelecidos no Lemba e no Kibangu aproveitaram esta situação para que fosse reconhecida a autoridade dos seus respectivos protegidos, projectando já a sua transferência para São Salvador. Depois da batalha de Ambuíla, verificou-se uma decadência contínua do poder real, contestado pelos representantes dos dois clãs reais que descendiam do rei D. Afonso I, os *Kimulaza* e os *Kipanzu*. Os grandes chefes, eleitores do rei do

²⁵ 1618: fundação de um colégio Jesuíta em Luanda. 1624: catequização em Kikongo feita pelos Jesuítas. 1625: fundação do colégio dos Jesuítas em São Salvador, etc.

²⁶ Eles conseguiram reverter a rainha Jinga em 1656 (baptizada em 1622). João António Cavazzi de Montecúcolo fala desta conversão na sua *Istorica Descrizione de' Tre Regni, o Congo, Matamba e a Angola.*, que escreveu entre 1669 e 1671. Ela morreu em Agosto de 1663.

²⁷ ARCHIVIO DELLA S. CONGREGAZIONE DE PROPAGANDA FIDE: SOCG (Scritti Originali riferite nelle Congregazioni Generali), Lettere. Africa e Congo, vol.250, ff.306-307.

²⁸ Rainha de 1623 a 1663. Ela revoltou-se contra a autoridade portuguesa de 1625 a 1656. A sua derrota marcou o fim da resistência angolana.

²⁹ 29 de Outubro de 1665.

³⁰ Coincidentemente, o período é também importante em função do processo de expansão do tráfico ultramarino de escravos, pois, se na Europa, em 1665, Portugal selava o fim da União das duas coroas com a vitória na batalha de Montes Claros, na África fazia valer, também, a sua força frente às tropas congolosas, vencendo a batalha de Ambuíla. Finda esta, grupos outrora aliados aos Portugueses, mas progressivamente rivais pelo controlo das rotas do tráfico no continente africano, acabaram por ser eliminados, abrindo caminho para a consolidação da presença portuguesa na região angolana, que veio a ser o principal entreposto negreiro desse continente.

³¹ Entre 1679 e 1710, São Salvador parecia praticamente abandonada.

Congo, contestavam a legitimidade dos eleitos. Entre 1665 e 1694, houve catorze pretendentes ao trono do Reino do Congo³².

Foi neste ambiente político que, entre 1704 e 1706, surgiu e se desenvolveu o chamado *Antoniano*³³. O objectivo imediato deste movimento era estimular o sentimento nacional para a reocupação de São Salvador e a normalização da vida política do antigo Reino do Congo. A seita Antoniana era dirigida por uma mulher, D. Beatriz, conhecida também pelo nome de *Kimpa Vita*. Combatiam o Catolicismo e as práticas feiticistas. Os missionários eram considerados como *diabos*, e os Portugueses como instigadores de perturbações, por isso deviam ser expulsos do Congo.

D. Beatriz afirmava que Santo António (um dos três Santos mais venerados no antigo reino do Congo e em Angola) lhe entrara na cabeça para pregar no Monte Kibangu. Ela foi objecto de uma verdadeira adoração. A sua doutrina, as suas “profecias” e ameaças causaram admiração. Ela pregava a restauração do Reino do Congo e dizia que “*Jesus Cristo [tinha] nascido em São Salvador, que era a verdadeira Belém; que tinha sido baptizado em Nsundi, que era Nazaré ; e que Jesus Cristo como Nossa Senhora e São Francisco eram originários do Congo e eram negros*”³⁴.

Esta “naturalização” da religião cristã parece ser acompanhada de uma valorização dos Negros em relação aos Brancos.

Instalando-se em São Salvador, D. Beatriz atraíu o povo. De todas as regiões do Congo afluíam “peregrinos” a São Salvador, levando-lhe ofertas e prestando-lhe honras. A capital do antigo Reino do Congo voltou a ser ocupada. A sua influência sobre o povo era importante e preocupava os missionários.

D. Beatriz tinha apoiado o partido dos *Kimpanzu*³⁵, e foi o rei D. Pedro IV que triunfou, apoiado pelos *Kimulaza*, e encorajado pelos Capuchinhos: D. Pedro IV acabou por se ligar ao cristianismo³⁶ depois de muitas hesitações. D. Beatriz foi lançada às chamas no dia 2 de Julho de 1706.

Com a tomada de São Salvador, no dia 15 de Fevereiro de 1709, por Pedro IV, a unidade do Congo foi restabelecida. O poder do rei continuou a ser legitimado pelo apoio dos religiosos.

Conclusão

Depois desta crise de sucessão, o reino do Congo não voltou a conhecer o esplendor do passado. As relações entre os reis do Congo e os Portugueses deterioraram-se, no século XVII, pouco depois da fundação do Bispado do Congo e de Angola. Os reis do Congo perceberam que não conseguiriam transformar o seu Reino à imagem dos reinos Europeus. A ocupação holandesa alterou o prestígio dos Portugueses.

³² Nove foram mortos, três faleceram de morte natural, os restantes dois eram D. João II, no Congo-dia-Lemba, e D. Pedro IV, no Kibangu. O primeiro destes sucedeu a seu irmão D. Pedro III, assassinado em 1675; o segundo, D. Pedro IV, de Agua Rosada, foi proclamado rei em 1694, no monte Kibangu, após a morte do seu irmão D. Manuel I.

³³ Eduardo dos SANTOS, «O Antonianismo. Uma página da História do Antigo Reino do Congo», in *Studia*, n.º 30-31, Août-Décembre 1970, pp. 81-112; Louis, JADIN, *Le Congo et la secte des Antoniens. Restauration du royaume sous Pedro IV et la «Saint Antoine» congolaise (1694-1718)*, Bruxelles-Rome, 1961; Teobaldo FILESI, *Nazionalismo e religione nel Congo all' inizio del 1700: la setta degli Antoniani* (Quaderni della Rivista “Africa”, 1), Roma, Istituto Italiano per o Africa, 1972.

³⁴ William Graham Listar RANDLES, *L'ancien royaume du Congo des origines à la fin du XIXème siècle*, Paris, La Haye, Ecole Pratique des Hautes Etudes and Mouton et Co, 1968, p. 157; Bernardo da GALLO, in Louis JADIN, *Le Congo et la secte des Antoniens. Restauration du royaume sous Pedro IV et la «Saint Antoine» congolaise (1694-1718)*, Bruxelles-Rome, Bulletin de l'institut historique Belge de Rome, Fasc. 33, 1961, pp. 515-517.

³⁵ Bernardo da GALLO, in Louis JADIN, *Le Congo et la secte des Antoniens. Restauration du royaume sous Pedro IV et la «Saint Antoine» congolaise (1694-1718)*, Bruxelles-Rome, Bulletin de l'institut historique Belge de Rome, Fasc. 33, 1961, p. 516.

³⁶ Idem, *Ibidem*, p. 531.

Por último, a política portuguesa tinha mudado desde finais do século XVI. Depois da revolta de 1640, Portugal, enfraquecido, queria reconquistar a sua independência perante as outras potências europeias. O espírito de conquista passou a dominar o comportamento dos Portugueses.

Quando o novo bispo chega à diocese do Congo e de Angola, em 1673, ele não se instala em São Salvador, mas em Luanda.

São Salvador deixou de ter o papel religioso que antes desempenhara, em, benefício de Luanda.

As relações entre o rei do Congo e os Portugueses tornaram-se cada vez mais conflituosas. As hostilidades entre o Governador de Angola e o rei do Congo intensificaram-se, especificamente, sobre os assuntos ligados ao tráfico dos escravos.

O rei do Congo afastou-se, progressivamente, da influência portuguesa para se ligar aos missionários Capuchinhos, enviados por Roma. Estes tornaram-se os seus novos instrumentos de consolidação do poder.

Mas, para poder manter a paz no seu reino, o rei precisava ter esposas e concubinas de províncias e de etnias diferentes. A poligamia subsistia. Note-se que a maior parte das conversões obtidas foram, na verdade superficiais.

No século XVIII, o Padroado português aparece enfraquecido. Note-se também que a dominação portuguesa no reino de Angola era maior. Os Portugueses aproveitaram-se da instabilidade política do reino do Congo para se apoderarem de mais terras Angolanas.